



D O S S I E R

L'ULTIMA CENA

assédio

teatro



O BUNKER- -COZINHA- ESPECTÁCULO

Sentado numa plateia que espelhará distorcidamente a cantina de uma messe, em mesas improvisadas a partir de destroços vários, o público é convidado a aguardar, expectante, por uma refeição que tardará em começar. A cozinha propriamente dita, essa, é composta por materiais e aparelhos reaproveitados, reconectados e nunca revistos, apetrechada com sistemas de aquecimento e iluminação que parecem prestes a falhar ou a explodir a qualquer momento: tudo apita, faísca e range. Os utensílios, um pouco por toda a parte pendurados, oscilam entre o vagamente oxidado e o profundamente deslocado: bem vistas coisas, um capacete não é uma malga, uma antena de rádio não é um espeto e uma escopeta e uma colher não são nem aparentadas. Mas o tempo é de guerra e faz-se o que se pode com o que se encontra...

“l’ultima cena” carregará consigo, ao ser apresentado, tudo quanto é necessário à sua execução: plateia e cena não terão fronteira que as divida e toda a maquinaria do espectáculo estará à vista, trazida e gerida pela equipa do espectáculo, sendo apenas necessário garantir a adequada área de representação e conexões ao sistema eléctrico do espaço. Propondo uma experiência ao máximo imersiva, o público, composto por nunca mais de vinte pessoas, será parte integrante da cena: o nosso capitão Guerra é a ele que se dirige, é ao público que pede compreensão, ajuda, confiança. E é para ele que prepara a refeição que encerrará o espectáculo: conforme foi falando das suas muitas angústias e dissabores, Giuseppe foi cozinhado.

E, à medida que esta tragicomédia chega ao seu fim, há que celebrar uma vida que não se deixou vencer, ainda que as circunstâncias a esmaguem sem piedade. Há que comer

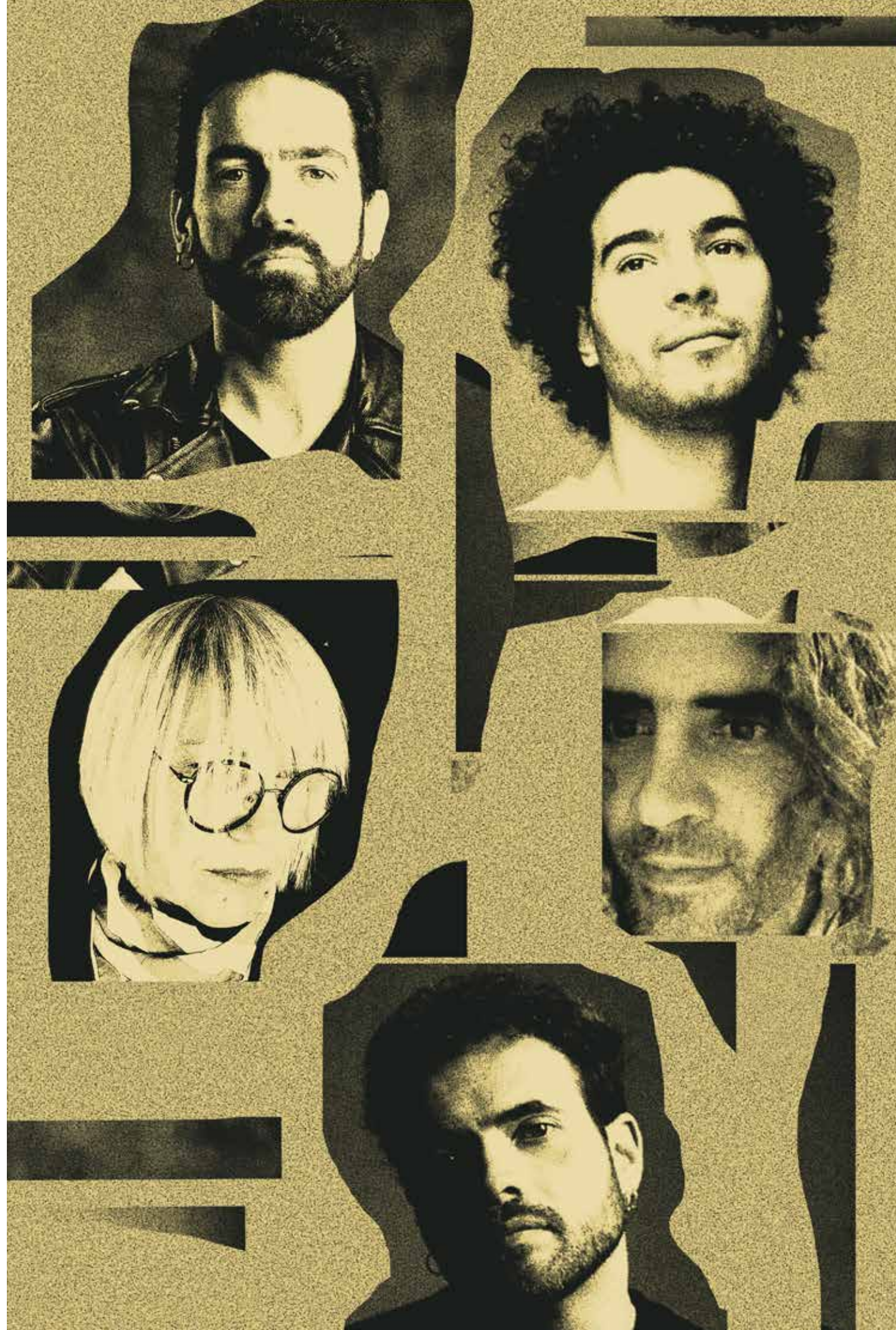
texto e encenação
PEDRO GALIZA

interpretação e confeção da refeição
PEDRO QUIROGA CARDOSO

cenografia e figurinos
SISSA AFONSO

cenografia e desenho de luz
NUNO MEIRA

sonoplastia e música
DANIEL SILVA



FELICITICA
ARTÍSTICA



O ACIDENTAL CAPITÃO SINOPISE

Giuseppe Guerra é um recentemente promovido capitão do Real Exército Italiano. Corre o ano de 1943 e Nápoles é, há meses, bombardeada pelos Aliados. Giuseppe nunca quis ser capitão. Giuseppe quis ser sempre e só cozinheiro. Mas escasseiam soldados, escasseia comida e escasseia, acima de tudo, vontade. Corre no ar o cheiro a pólvora e a derrota. E, durante um bombardeio particularmente violento, o de 4 de Agosto e que matou mais de três mil civis, o jovem cozinheiro Guerra distingue-se pela bravura com que salva dos escombros uma família de pescadores, fazendo com que alguém se lembre de lhe pregar aos ombros as insígnias de capitão. A partir desse dia, Giuseppe passou a amaldiçoar o nome do pai, prenúncio, dirá ele, da desgraça que se havia de abater sobre si. Da traumática promoção, retira um só consolo: a companhia do jovem Dante, um dos sobreviventes cuja vida salvou e que sonha um dia ser soldado. Numa cozinha improvisada numa espécie de bunker, o accidental capitão prepara uma das receitas com que a sua “nonna” lhe havia inculcado o prazer da gastronomia. Prepara-a para Dante, que está quase a chegar e que a há-de levar de volta à sua família, desterrada num parque ao frio e à fome. Prepara-a porque é o que sabe fazer melhor, pelo menos muito melhor do que ser capitão. E prepara-a, acima de tudo, por esperança: enquanto cozinha, Giuseppe é ele próprio e não as suas circunstâncias, não o que querem ver nele ou o que dele querem fazer, não é um fascista ou um assassino, não é a guerra que lhe deu o nome ou a guerra que lhe há-de roubar a vida. Giuseppe é só Giuseppe, reclamando a sua identidade e agência, reclamando o seu lugar e a sua vocação. E, ao fazê-lo, relembra-nos a nós, habitantes de um tempo amnésico pejado de monstros que julgávamos enterrados, o irreduzível poder de se ser quem se é, sem contemplações ou temores, face a quem nos deseje despersonalizados e desesperançados.

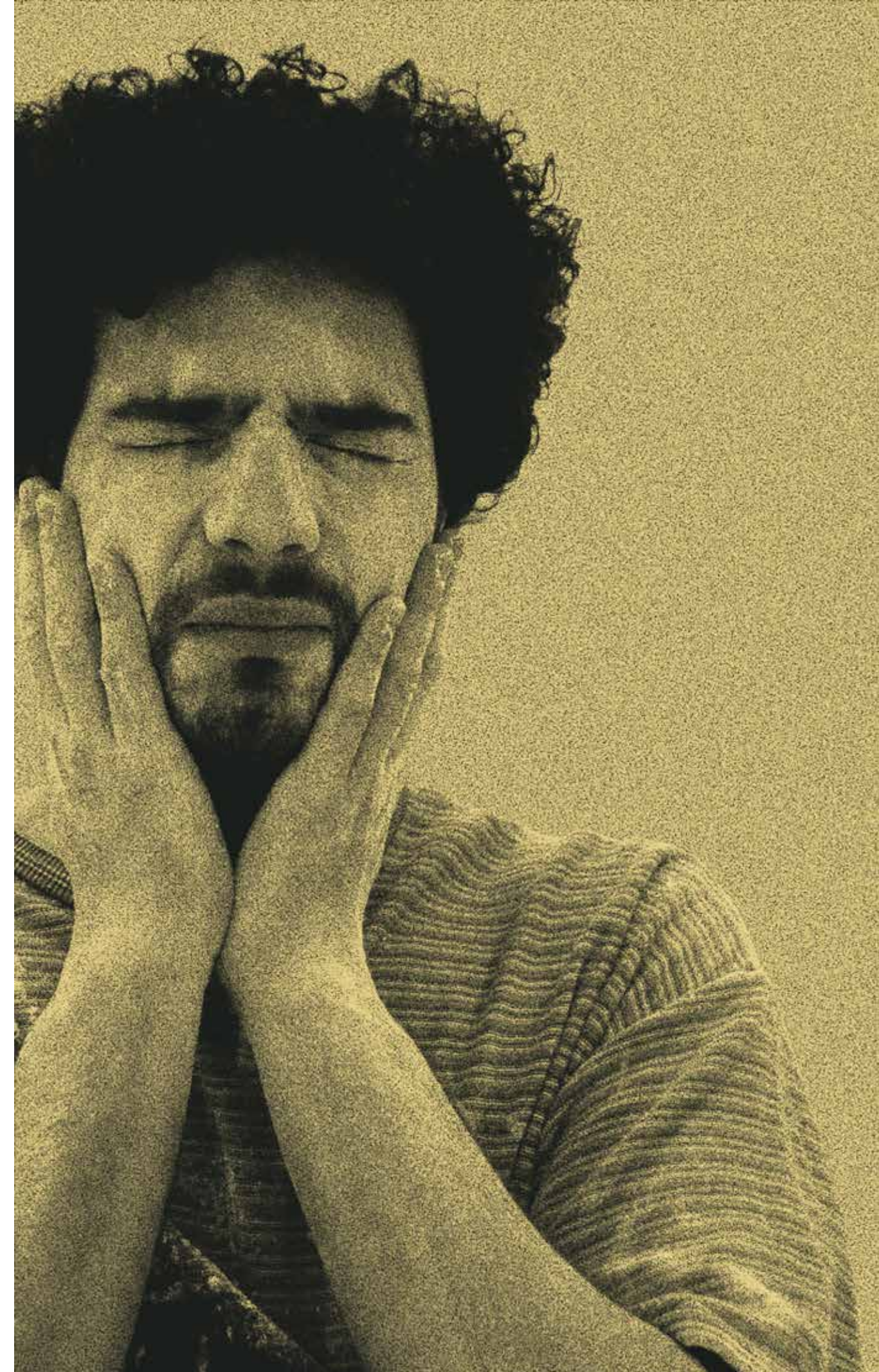
UMA GUERRA, TODAS AS GUERRAS, A MESMA GUERRA C O N T E X T U A L I Z A Ç Ã O

Entre Gaza e a Ucrânia, do Irão ao lémen, a guerra invade-nos diariamente os ecrãs e o imaginário, cada vez mais próxima e mais desapiadada, perturbando, com a sua imparável marcha, a nossa sensação de relativa segurança e obrigando-nos ao confronto com um monstro que o Ocidente supunha derrotado, pelo menos dentro de fronteiras. Mas a guerra está aí, bate-nos veementemente à porta e, numa estrutura de criação teatral como a ASSÉDIO, dissecar a contemporaneidade e as encruzilhadas sócio-políticas em que vai tropeçando (ainda para mais, estando hoje em curso um desbragado assalto contra a própria ideia de democracia e imperando um entendimento da guerra como uma inevitabilidade histórica), foi, é e muito provavelmente será sempre uma das nossas maiores urgências. Porém, mais do que vociferar cenicamente uma opinião política, opção de duvidosa eficácia e manifesta pobreza artística, pretende-se antes abrir trilhos interpretativos ao espectador para que possa, ele mesmo, continuar para lá do teatro o debate que no palco se iniciou.

Chegando, a guerra toma conta de tudo. Ao cliché que nos diz que a primeira baixa, numa guerra, é a verdade, há que acrescentar que as que se seguem não são de somenos importância: a liberdade, a normalidade, a felicidade. Conforme os mortos se vão empilhando e as cidades ruindo, ser-se quem se é, individual e colectivamente, plena e corajosamente, é um teste diário, um desafio a cuja altura é cada mais difícil conseguirmos estar. As bombas caem, a civilização quebra e os seus mais altos propósitos, plasmados em Constituições, discursos e as mais belas intenções, esfumam-se. As pessoas são entregues a si e à impossibilidade de viverem uma vida normal.

E, ainda assim, há que desejar o impossível.

“l’ultima cena” passa-se durante a Segunda Guerra Mundial, num bunker imaginado nas entranhas de uma Nápoles reduzida a escombros, mas poder-se-ia passar em praticamente qualquer outra cidade bombardeada. E não sendo inocente a escolha desta urbe italiana (esmagada pelo fascismo parido pelo desejo de restaurar a grandeza da nação e cujos discursos patrioteiros ecoam hoje um pouco por toda a parte, Portugal incluído), a sua condição de ruína a céu aberto, onde o pior do que é ser-se humano corre solto, espelha na perfeição todas as outras cidades que nos vão enchendo os ecrãs e os feeds. E ainda que não se pretenda aqui ter contemplações com o horror que a guerra é, procurar-se-á contrapô-lo à delicada inocência de um gesto tão comunitário e esperançoso como é o de cozinhar. O de preparar sustento com dedicação e abnegação, nutrindo um oásis de partilha da humanidade numa cozinha de improviso, usando o que se tem à mão e fazendo fé de que será suficiente.



PEDRO GALIZA AUTOR E ENCENADOR

Nasce em 1986 na Póvoa de Varzim.

É formado em Teatro-Interpretação pela ESMAE/IPP. Trabalhou como actor com as companhias de teatro Assédio, Ensemble, InMediaRes, Marácula, TEP,

Teatro do Bolhão, entre outras. Foi dirigido por João Cardoso, Emília Silvestre, Rogério de Carvalho, Carlos Pimenta, Jordi Ribot Thunnissen, Lee Beagley, Inês Vicente, Giselle

Stanzione, Alexandre Azinheira, Gonçalo Amorim, Joana Providência, Maria do Céu Ribeiro,

Nuno Carinhas, Jorge Pinto entre outros, em espectáculos a partir de Shakespeare, Molière, Connor

McPherson, Frank McGuinness, Paul Verlaine, Nikolai Gogol, Mickaël de Oliveira, Oscar Wilde, Rui Pina

Coelho, Mark o'Rowe, Owen McCafferty, Peter Handke, Alan Ayckbourn, Jacinto Lucas Pires, entre outros.

Em cinema, trabalhou com Luís Ismael, Kyle Sousa, Paula Cons, Carlos Amaral e Marta Díaz de Lope Díaz.

Encenou textos, em Portugal e na Catalunha, de Fernando Pessoa, William Shakespeare, Gil Vicente, Anton Tchekhov, Franz Kafka, Arthur Machen, Ella Hickson e de autoria própria, entre outros.

Traduziu textos de William Shakespeare (“Ricardo III”, “Tito Andrónico”, “A Tempestade”), Nikolai Gogol (“Diário de um Louco”, a partir da versão inglesa de Claude Field), Franz Kafka (“A Mulherzinha e Outras Histórias”, a partir da versão

inglesa de Willa e Edwin Muir), Anton Tchekov (“O Canto do Cisne”, a partir da versão inglesa de Marianne Fell), Arthur Machen (“O Grande Deus Pã”), Charlotte Perkins Gillman (“O Papel de Parede Amarelo”), Ella Hickson (“Despe-te [Isabel]”),

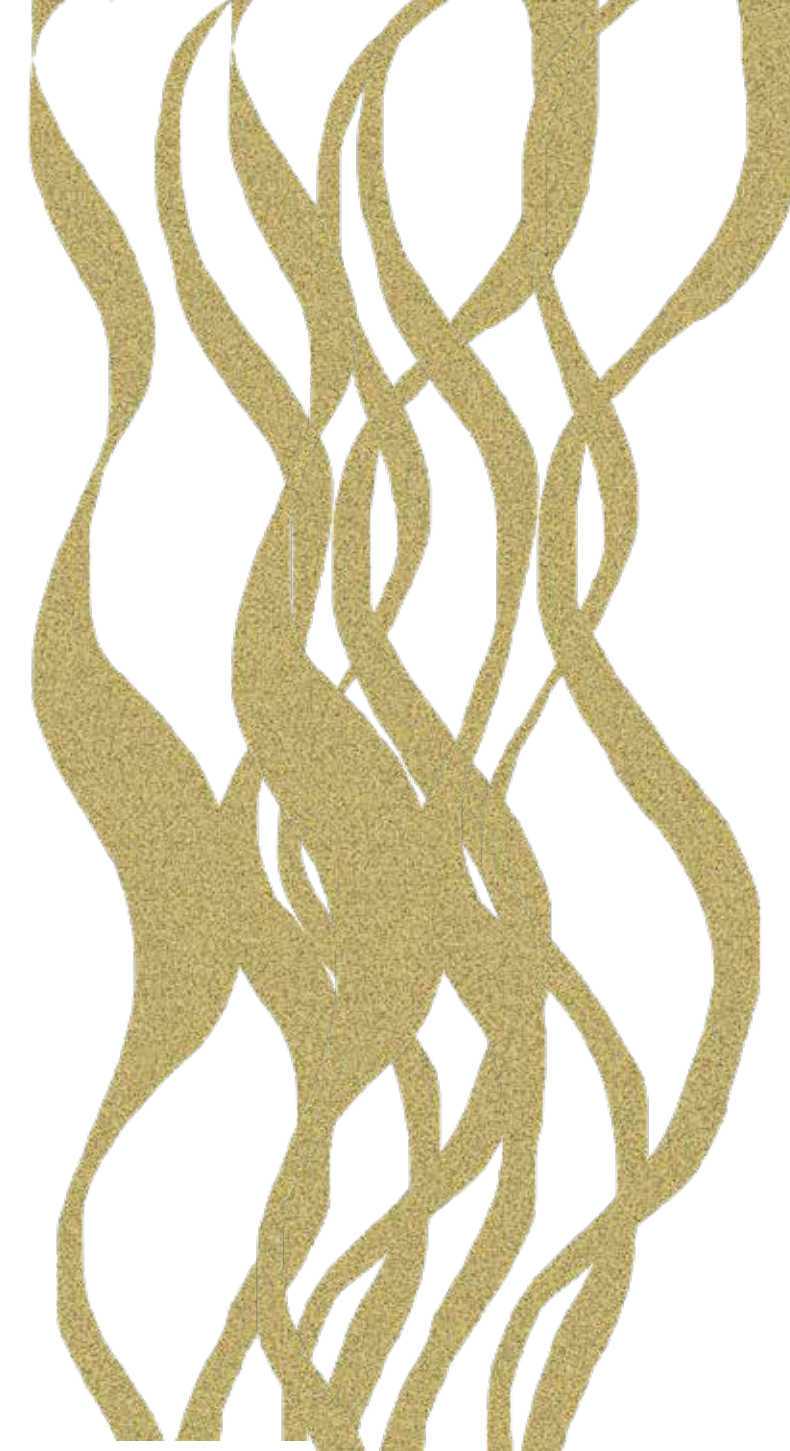
Enda Walsh (“Quarto 303”, “Quarto de Menina” e “Cozinha”), Martin Crimp (“Terno e Cruel”) e Sam Shepard (“Veroeste”).

Como dramaturgo, escreveu “Fábulamãe”, em 2016, “Vida e Obra de um Homem Mais ou Menos Apresentável”, em 2018, “Entre Dois Campos de Milho” e “Translúcido” em 2019, “M.A.D.”, em 2020, “Diacrítico”, em 2021, “Terno” e “Que Não se Fale

dos Velhos Tempos”, em 2022, “O Quarto Quarto”, “Prometheus” e “A Tragédia de Aristídes Inhassoro” em 2023, “Conversa Porca” e “NEMESIS” em 2024 e “DUPLA”, em 2025.

De 2008 a 2015, integrou a direcção d’A Filantrópica - Cooperativa de Cultura, CRL e colaborou como produtor e programador do Philantra – Festival de Arte Independente.

Co-fundou a Marácula – Associação Cultural em 2013 e, em 2019, a Grua Crua. Integrou, de 2015 a 2021, a equipa de produção e programação do FIS – Festival de Artes Performativas a Solo. Desde 2024, é co-directorartístico, conjuntamente com João Cardoso, da ASSÉDIO - Associação de Ideias Obscuras.

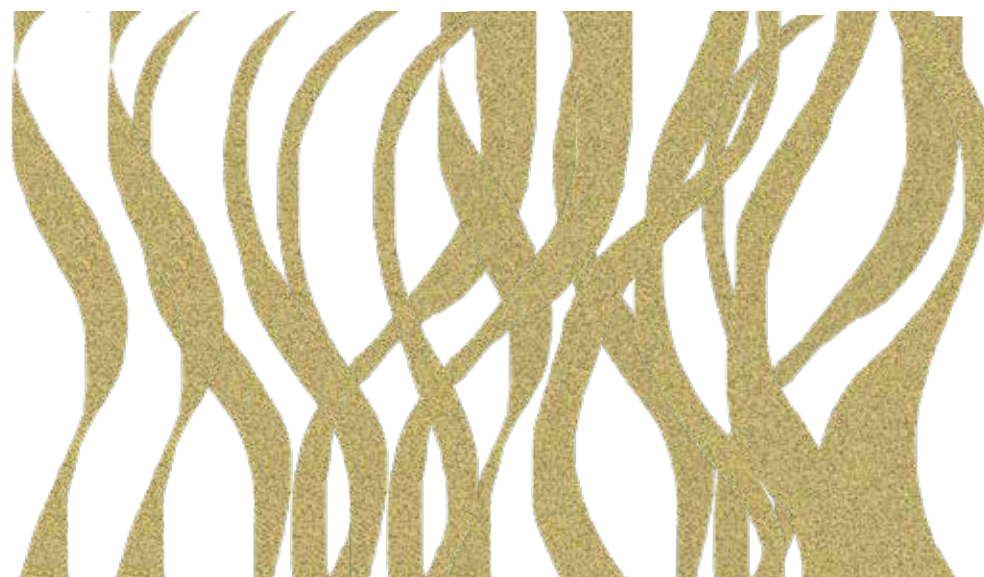


ASSÉDIO TEATRO

Nestes vinte e sete anos assegurou a revelação de diversos textos e autores, atenta ao que se escreve no espaço cultural ocidental, mas apostando também na pesquisa de mecanismos interpeladores, tanto ao nível temático como formal. Podemos dizer que é um colectivo artístico capaz de assegurar autonomia e identidade artísticas. Esta maturidade, não só é dada pela experiência das pessoas que o compõem, como pela construção de um percurso feito de fortes cumplicidades cultivadas nas colaborações artísticas e humanas e na manutenção de diálogo sobre a prática teatral, condições essenciais para a permanente atualização das linguagens criativas de cena.

É no encontro da coerência da escolha de repertório com a renovação das linguagens cénicas, que a Assédio tem assentado a qualidade e distinção do seu trabalho.

Tem sido através de um saber acumulado pela experiência e de uma inquietação alimentada pelo fazer, que este coletivo tem construído a sua identidade e a relação com o público.



Direção Produção

INÊS SIMÕES PEREIRA

M: 914 780 810

assedio.prod@gmail.com

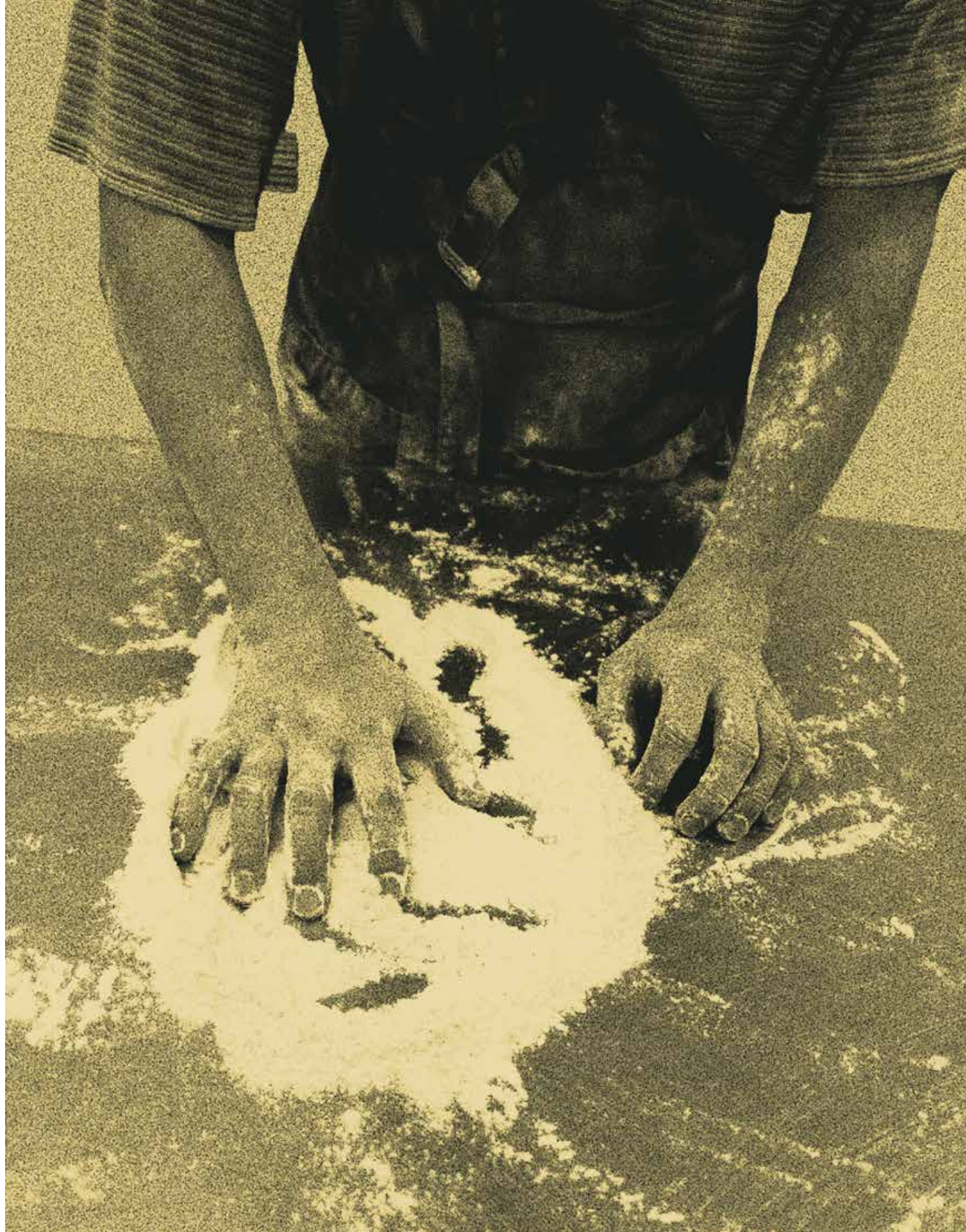
Direção Artística

JOÃO CARDOSO

M: 919 396 908

PEDRO GALIZA

M: 912 747 987



ASSÉDIO Teatro
Associação de Ideias Obscuras

www.assedioteatro.com
[instagram.com/assedioteatro](https://www.instagram.com/assedioteatro)
[facebook.com/assedioteatro](https://www.facebook.com/assedioteatro)

SALA de BOLSO

Rua de Miragaia, nº 61
4050-386 Porto

[instagram.com/saladebolso](https://www.instagram.com/saladebolso)
[facebook.com/saladebolso](https://www.facebook.com/saladebolso)

